

Gente de PALAVRA

revista n° 42

JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA

EDUARDO



L
A
C
E
R
D
A



Adilson Roberto Gonçalves Alysson Lobato Auber Fioravante Júnior Bárbara Sanco Cairo de Assis Trindade Carlos Patrício Chico Nogueira Cláudio Roberto de Pinho Denivaldo Piaia Eduardo Lacerda Edweine Loureiro Eliana Pichinine Francisco Castro Francisco Ferreira Gerson Nagel Jaime de Andruart João Victor Martins Ruyz José Eduardo Degrazia Lári Germano Lérés Seitenfus Lilian Rose M.da Rocha Luiz Otávio Oliani Magaiver Welington Mah Fiori Marco Antônio Chaves Mikail Levinski Neli Germano Osni Bermudes Jr Ricardo Mainieri Rogério Batista de Sousa Rosa Maria Mano Tatiana Alves Thereza Christina Rocque da Motta Vander Vieira

José Eduardo Degrazia

O poeta escreve

A poesia não dá meeting
nem happening
está fora de qualquer mass media
a poesia não dá lbope
não dá dinheiro
não dá prestígio
não dá cargos remunerados
no governo
a poesia não tem nenhuma perspectiva
no mundo
em que vivemos
e provavelmente não terá nenhuma
serventia

no outro.
No entanto o poeta
escreve
por fúria
por absoluta falta
e penúria.

Por isso o poeta escreve
com total liberdade
sem preocupar-se com escolas
dados dedos duros.

O poeta escreve o sinal
do fim/início dos tempos.
A poesia apocalíptica.

José Eduardo Degrazia
Porto Alegre – RS



Poeta, escritor e tradutor, é autor de uma vasta obra que inclui onze livros de poesia, quatro livros de contos, três livros infanto-juvenis, uma novela e um romance, além de diversas traduções, incluindo sete livros de Pablo Neruda bem como outros poetas de língua espanhola e italiana e (através de versões em inglês e italiano) traduziu poetas de Malta, Romênia, Croácia e Moldávia. Seus poemas e contos foram vertidos para o italiano, espanhol, francês, catalão, inglês, chinês e para o japonês. Com uma vida inteira dedicada à literatura, é um homem acessível, simples, solidário e carinhoso com os amigos. José Eduardo Degrazia é Gente de Palavra.

Das vontades da lucidez

Dá vontade de cuspir tudo
Acender todas as luzes
Desassoprar o redemoinho
Ruir com sua falsa perfeição
Maldizer seus deuses
Cortar sua língua em tripas
Dizer-lhe de seus motivos de guardar
[um punhal
Atear fogo em suas vestes rotas
Insultar seus delitos suas roucas verdades

Dá vontade de cuspir tudo
De odiá-lo e continuar a não olhar nos
[seus olhos
Destilar o veneno insólito dos dias
Proclamar que o camaleão é pobre diante
[de sua falsidade
O que a impede das vontades da lucidez?
Da loucura que lê nos olhos do algoz
Dos fantasmas que permeiam suas mil
[faces

Neli Germano
Porto Alegre – RS

Lilith

Quando Adão sussurrava
Abriam-se as portas do paraíso
Quando Lilith gemia de prazer
Não foi sequer chamada de pecadora
Foi eliminada da história.
Hoje, exhibes o teu falo
Em nome da honra
E por mais que mil Marias da Penha
Gritem de dor
Haverá uma costela no meio do caminho
Impondo o seu direito à propriedade.
Não queremos mais Evas!
Liliths ressurjam das cinzas
E entoem o hino
Do pulsar prazeroso da Vida.

Lilian Rose M.da Rocha

Ao Outrem que Amo

Entristeceu a palavra,
Nau à deriva d'um verbo
Calado galgado tatuado,
As lágrimas jamais choraram
Tanta veracidade, tantos avessos
Tortos ou não, avessos.

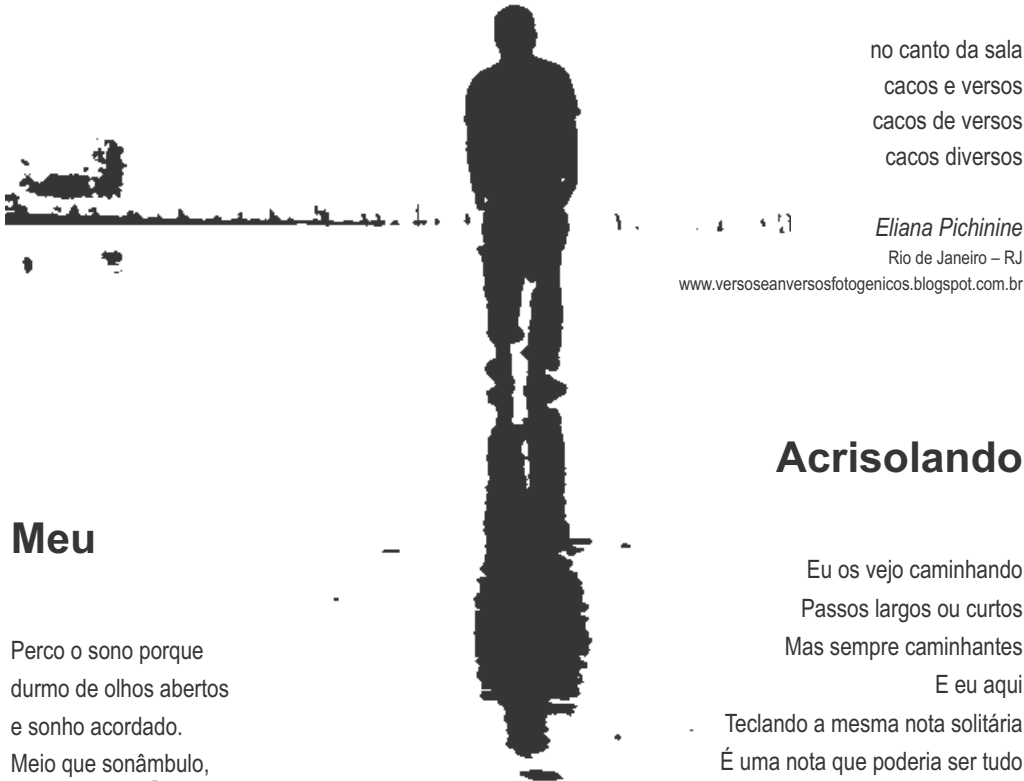
O beijo agridoce não veio,
Saudade do que não foi escrito,
Da voz amanhecida afetiva,
Música à alma.

O verso mulher,
Trouxe outro uni(verso)
Inundado de mitologia,
Segredos guardados,
Horas intermináveis, amém,
Ao outrem que amo.

Pelo dia meu pranto
É pequeno,
Pelas raízes da noite,
Poesia de dizer, escrever,
Enfim, Eu Te Amo.

Auber Fioravante Júnior
Porto Alegre – RS
auberjunior1962@gmail.com





Meu

Perco o sono porque durmo de olhos abertos e sonho acordado. Meio que sonâmbulo, perambulo no calidoscópio do meu inconsciente, apreciando cenas, flashbacks, takes, efeitos especiais num ir-e-vir atemporal mais veloz que o som e a luz, em histórias felizes ou nem tanto, sem começo, meio e nem fim. Quando desperto, porém, sinto que a paz se foi, dando lugar a pesadelos reais, vistos em jornais, TVs e mídias sociais, que, de tão brutais, remontam às noites de insônia que se prolongam até demais.

Osni Bermudes Jr
Curitiba – PR
osnibermudes@gmail.com

no canto da sala
cacos e versos
cacos de versos
cacos diversos

Eliana Pichinine

Rio de Janeiro – RJ
www.versoseanversosfotogenicos.blogspot.com.br

Acrisolando

Eu os vejo caminhando
Passos largos ou curtos
Mas sempre caminhantes
E eu aqui
Teclando a mesma nota solitária
É uma nota que poderia ser tudo
Qualquer música
Ela sonha ser uma trilha sonora
Mas é uma notinha boba
Que eu teclo com um único dedo que se mexe
Ela e os silêncios que a cercam
Formam um concerto
Quem disse que um só som
Não pode contar uma história?
Meu único dedo, minha única nota
São perseverança
Todos os meus silêncios
São as reticências
São as entrelinhas
E minha imaginação confusa
Que às vezes prefere ficar muda

Bárbara Sanco
Porto Alegre – RS
www.barbarasanco.com.br

Maluco alemão

balançando
nas ondas gravitacionais
deste lago intergaláctico
parecem-me mais inundações
de almas em fuga de mentes

comprovo
minha labirintite
querendo fugir da atração
desses buracos negros

fito no profundo azul
de seus olhos siameses
a explicação física
do vagar do meu corpo,
inerte, celestial,
em queda livre

Adilson Roberto Gonçalves
Campinas-SP
priadi@uol.com.br



Deserto

Engole a manhã e seu gemido de aves
Atordoadas pela visão de um réptil
Que serpeia entre frutos da escuridão
Feroz, faminto, guiado pelo flagelo
A despedida, irmã gêmea do silêncio
Que grita a voz de todos os bichos,
Ecoa vazia , asfixiada.

Mah Fiori
São Paulo - SP

Rima sem você

uma parte sem inteiro
uma noite sob efeito
um vazio no âmago
uma sala sem espera
uma voz sem ouvidos
uma mesa sem anseio
um suor sem néctar
um anel sem par
uma pele carcomida
um ranço na boca
um beijo no bueiro
um silêncio insatisfeito
uma janela para o infinito

uma rima fica sem.

Gerson Nagel

Porto Alegre - RS

<https://www.facebook.com/lh3ad>

Alpinismo

Quando
de minha morte
tecerem
os comentários
dirão
sem pestanejar
Era apenas
um ser poético
que fazia
alpinismo
em teias
de imaginação.

Léris Seitenfus

Porto Alegre – RS

<https://www.facebook.com/leris.seitenfus>



Outras rotas

Outras rotas –
que não as do teu toque.

Os mares (a longitude).

As marés,
as fugas impróprias.

Os loucos –
os que ousaram gritar –
serão sufocados pela terra?
como músculos atrofiados,
como vida sem dança?

Os outros, os outros...

Os outros dormem enquanto nós,
enquanto nós somos os culpados,
os eternos culpados.

Os mares e os loucos
também são culpados
mas os pés são intransferíveis.

A casa samba cantado em prantos se
[esvai a felicidade tão pouco
demorada.
Cada passo em falso inaugura um
[novo desvio, outro mar, outro mar.

Vander Vieira
Vitória – ES
vandervieira22@gmail.com

Minha Gaia, meu mundo

A lua nua pairou sobre a
minha aura, parece um
girassol que se abriu
para dois mundos.

O real e o ilusório vão
trazendo reminiscências
de sombras, sou Dom
Quixote pelejando contra
o moinho.

E na teia desse desvario,
eu ouço vozes, dolências,
lástimas...

Então, me perco entre os sons
fleumáticos do meu inconsciente.
Sou Freud, sou Nise, sou Quixote,
sou o moinho.

Os porões da minha alma
lutando contra minha gaia.

Cláudio Roberto de Pinho
São Gonçalo – RJ



Vírgula

Calma (,) tem que ser com alma.
Se tem vírgula ou não,
depende da intenção.

Denivaldo Piaia
Campinas-SP
dmdj@terra.com.br

Pomba-gira, ou do Apocalipse.

*Um pouco a dormir, um pouco a cochilar;
outro pouco deitado de mãos cruzadas, para dormir.
(Provérbios 24:33)*

Não me lembro bem
quando cruzei
as pernas
pela primeira
vez.

/ Talvez os corpos
aprendam
com

os seus extremos:

É impossível
(pedindo)
cerrar os punhos
cruzando os dedos. /

Sei que sempre, e
Antes, já cruzava
os braços com
alguma
habilidade.

Cruzar.
O corpo é indeciso
com seus vários
defeitos.

O corpo, e seus
muitos medos
(contraindo-
se sobre
-si

mesmo)
Este é o momento final
(apocalipse do corpo)
a que chegamos,
em pecado:
cruzar o amor
ao corpo
do ser
amado.

Eduardo Lacerda
São Paulo – SP

“(…) a poesia me tirou tudo! (...) eu também não seria nada sem a poesia. (...) quando passamos a trabalhar com literatura, ela se torna a nossa vida. Eu não teria outra coisa a oferecer ao mundo.”

(trecho de entrevista de Eduardo Lacerda ao site *Escritica* www.escritica.com).

Eduardo Lacerda



Ele é poeta, já publicou “*Outro dia de folia*”, onde se encontra o poema aqui publicado, mas parece que sua poiesis acabou por priorizar outro tipo de fazer criativo. Eduardo poetiza não apenas com suas próprias palavras, mas também com as palavras de inúmeros poetas do Brasil. Seu trabalho, à frente da Editora Patuá, vem sendo descobrir as múltiplas expressões da poesia contemporânea brasileira e dar-lhes a forma de livros com qualidade e bom gosto. Graças a esse trabalho, centenas de poetas têm saído da condição de inéditos e passado a figurar nas estantes, bibliotecas, circulando pelo país e pelo mundo. Eduardo Lacerda é Gente de Palavra.

Poesia da cabeça aos pés

Ela é poesia da cabeça aos pés. É
[primavera o ano inteiro, amor de
[janeiro a janeiro. Faz do próprio
[sorriso escudo, licença poética.
Nos olhos transborda universos. Alma
[em festa, infesta o corpo de versos.

Magaiver Wellington
Mostardas-RS
magaiver.wellington89@hotmail.com

Mitológicas

Quando o Poeta chora,
Trata-se de um chamado.
A Poesia o devora,
Prometeu dilacerado.

E até o raiar da aurora,
Prossegue esse quase suplício:
A Poesia o deflora,
Ele a sorve qual num vício.

Nesse porto de chegada,
Ele, então, enfim, ancora.
Olha a palavra acabada,
Sua rima o revigora.

Entretanto, que castigo:
Outro verso já aflora.
O Poeta traz consigo
Uma caixa de Pandora.

Tatiana Alves
Rio de Janeiro – RJ
tatiana.alves.rj@gmail.com



Privação

Na taberna dos sonhos
prateleiras vazias
fazem proclamas de solidão.

Atiro-me sobre as horas
para matar o tempo
de saudades imorríveis.

Escrevo joios em minha seara
que o minuano
varreu de silêncios e gafanhotos.

Em meu peito seco
correm areias e desesperanças
inundando as vazantes de nostalgia.

Meus dias são de eterno perder-me
se te ausentas
da minha diária ração de amor.

Francisco Ferreira
Conceição do Mato Dentro – MG
impalpavelpoeiradaspalavras.blogspot.com.br/

As flores de Manet

Dizes, são favas contadas as coisas
que sabes e põem-te a escrever,
pois nenhuma palavra é nova,
embora se renove nos lábios
como se jamais tivesse sido pronunciada.

São essas as coisas que dizemos,
quando não temos mais nada a acrescentar,
e tudo é conhecido e belo ao mesmo tempo.

A mesma serenidade que ostentas
não te diz o que fazer, senão esperar.

Essa espera que te sustém,
como o páramo onde vive a águia.

Vives a brandura dos desertos,
em que areia, vento e água se misturam,
e as colinas declinam sob o sol.

31/07/2015 - 2h19

Thereza Christina Rocque da Motta
Rio de Janeiro – RJ
trcmotta@gmail.com

Coisas que eu não sei

começam a borbulhar
coisas que eu não sei
coisas que fervem
bolhas bolhas bolhas
que sobem e descem
do diafragma à garganta
e fervem fervem fervem
sem evaporar
: estão ali as palavras
duras e cruas
cozinhando na percepção
até que estejam 'al dente'
e saltem vivas como seres
independentes
(em ebulição).

Lári Germano,
Santo André – SP
naoapenaspalavras.blogspot.com/



Para além do abismo, meu amor
Nesse lugar fetal,
onde consumo a humanidade
Para além do pressentimento,

Nesse vale de umidades primitivas
onde sonho morte e sêmen
Para além do que se vê
ou se pressente,

para além do que fica ao toque
- da maresia da saliva
e dos suores
Para além do Tempo, meu amor
onde germina a semente
de uma flor letal

Rosa Maria Mano
rosamariamano@gmail.com

A vila santa

Rua Santo Antônio
Rua São Francisco
Rua São José
Rua São Raimundo
Rua São João
Esqueceram São Tomé
Se São Tomé estivesse...
Duvidaria de tudo!
Dos moradores pacíficos;
Dos comércios vizinhos;
Da tranquilidade da tardinha;
Duvidaria mas se alegraria...
Da Vila tão bonitinha.
Com sua igreja
De ruazinhas estreitinhas
De anos e coloque dias
Que é sempre assim:
Tão pequena
Tão querida!

Rogério Batista de Sousa
Lago da Pedra, MA

Da vida

Nem mais, nem nada ainda
e eu já subia as escadas
a procura das horas contadas
catadas do medo da berlinda.

Nem tudo, nem qualquer passo,
podia me desbancar dos medos
escrever quaisquer enredos,
escritos, escrotos, escassos...

E pela estrada, antes, segui,
como um lobo em busca
do alimento que salva e ofusca

a morte, que ronda aqui e ali,
e que a cada dia é por nós vencida
até o último momento da vida.

Chico Nogueira

Exmo. Sr. Dr.

s. ex^a. pensa que poeta vive de brisa,
bebe poesia e deve comer
o pão que o diabo amassou.

acha que o poeta é malandro,
vive nas nuvens, mora com as musas,
e não paga aluguel.

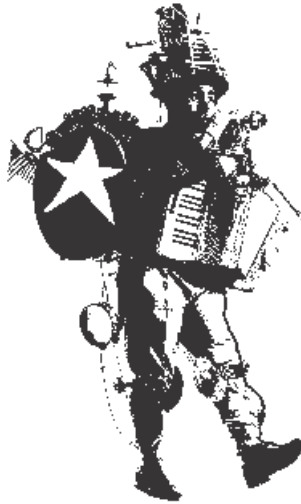
supõe que ele seja um anjo marmanjo
e não tenha compromisso,
iptu, ipva e pqp.

imagina que ele vive viajando,
sem gastar com passagem,
e que leva só fantasias na bagagem.

s. ex^a. pensa? ou tá de sacanagem?

Cairo de Assis Trindade

Rio de Janeiro – RJ
www.cairotrindade.com.br



Te peço

Quando me vires alheio
Sonhando de olhos abertos
Deixa-me quieto

Não tenta me acordar
É nos sonhos que me liberto
De uma existencial vivência
De uma amarga existência
Onde não queria mais estar.

Deixa-me voar por céus

Que jamais irei visitar
Me deixa ser andorinha
Sem sair de meu lugar.

Quando me vires alheio
Me deixa quieto, tranquilo
Meu silêncio é meu exílio
Buscando me encontrar.

Marco Antônio Chaves

Pelotas – RS:
chavesmarcosvp@gmail.com

Sem cabimento

o amor não tem cabimento
não cabe no pensamento
não cabe numa canção
mas nasce no coração
revela-se no olhar
transborda num beijo
escorre pela pele
e desabrocha na palma da mão

o amor não tem cabimento
é maior que a imensidão
mais forte que o firmamento
mais duradouro que o tempo
o amor é um sentimento
que não tem explicação
mas só amor que se sente
explica a vida da gente

Carlos Patricio

São Paulo – SP
cpatricioc@sUPERIG.COM.BR



Pobre Nação

Pobre Nação judiada,
Agredida, vilipendiada,
Exaurida, tão predada,
Sofrida, tão execrada.

Pobre Nação sagrada,
De tanta riqueza sugada,
De tanta beleza, matada,
De tanta promessa, quebrada

Pobre Nação unguida,
Pelo óleo, desnudada,
Pobre gente ferida
Por tanto filho, roubada.

Pobre nação calada,
Quieta e desencantada,
Que todo o dia é velada,
Mas de morte alguma, enterrada.

Francisco Castro.

Porto Alegre – RS

Breve reflexão sobre a violência

a violência
viola o silêncio
dos lares
surge explícita
pus no asfalto
instaura seu caos
dentro de nós
se os senhores
da vida e da sorte
tivessem feito sua parte
ela seria menor
mas os interesse deles
são outros
são escuros
escusos
e imunes
ao código penal.

Ricardo Mainieri
Porto Alegre – RS

Alianças

Nas andanças dos sentimentos,
os dedos,
cansados e gordos,
tentam libertar-se
de uma vida de engodos.

Mas já é tarde
para alardes,
suspiros e saudades.

E tudo que os dedos fazem
é sepultar a coragem.

Edweine Loureiro
Saitama – Japão
edweine.loureiro@gmail.com



Pro-criação

escrevo versos
como quem rascunha

rejeito rimas
não metrifico
o que me liberta

emoção
passada a limpo:
a tesoura
poda excessos:

texto seco
qual vinho rascante

Luiz Otávio Oliani
oliani528@uol.com.br

Ser Poeta

É triste ser poeta nestes tempos:

Se não fala de amor, por que falar?
Se não critica o mundo é um inútil;
Se é desprendido, falta de talento,
E se usa forma fixa é vil e fútil.

Se concreta o apraz é um arquiteto;
Se pensa e não escreve é fingidor;
Se escreve sem pensar é um animal;
E não passa ao morrer de vão rumor.

Se parte para a prosa, foi vencido;
Se teima em poetar, é teimosia;
Se se estende demais é um enfadonho
E gasta num só verso todo um dia!

É triste ser poeta desde sempre...

Jaime de Andruart
Porto Alegre – RS
facebook.com/jaimedeandruart

Sem cura

O que é que faço com esse amor todo?
Dá para jogar fora?

- Mas tem que embrulhar com jornal!
Que é pro lixeiro não cortar as mãos
[com os cacos do teu coração.

E depois como é que fica?

O amor vai embora ou fica grudado
[na alma?

Forma cicatriz ou escara?

O amor é uma doença autoimune?

Mikail Levinski

Indaiatuba – SP
www.ofthefrango.blogspot.com

Alvorecer

Em uma fração de segundos meu corpo acaba
O relógio que trabalhava sem parar, para
A cerca que protegia meu pequeno mundo, não pulsa
A razão que em mim esteve, repulsa...

Abandono tudo: mente, sonhos, corpo moribundo.
Como nosso mundo seco, árido

Me encontro sem líquido, sem álcool, sem álibi
Sem tempo, sem as estações e florestas protetoras,
Sem copo, sem as estrelas, sem manjedoura.

Sou o poder do nada, do sem, do pó,
O ser a terra, o vento, o nó

Que se desfaz com dificuldade
Pra desatar a complexidade

De não ser nada, de ser
Somente a luz pálida
De mais uma alvorada.

Alysson Lobato

Lavras – MG
www.aquelequele.blogspot.com.br

Ciclos

Lancei uma moeda ao oceano.
Rodopiou no ar feito balão.
Observei-a tanto flutuar
quanto a gotas espalhar:
Espantei-me num momento
por não esperar tamanha intensidade.
Apesar de tê-la tocado outrora
escapara de mim perceber a verdade.

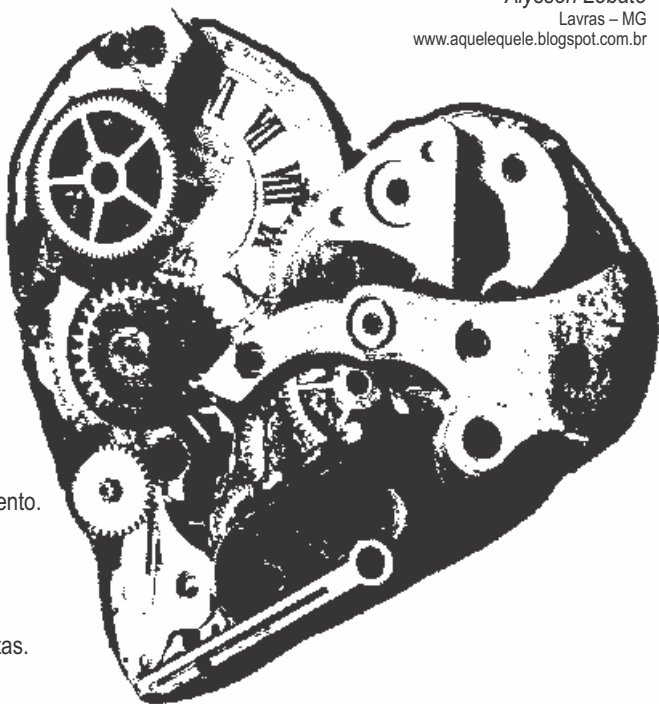
Fiz de mim um ser mais atento.
Preservo minhas moedas da força do vento.
Pequenas aos olhos;
transformam sentimentos.

Agora investigo de que que são feitas
e percebo, por fim, muitas serem perfeitas.

Arrisco um bocado e olho para mim
vejo metade diabo; metade querubim.

João Victor Martins Ruyz

São Paulo – SP.
jv.rebirthing@hotmail.com





Esta edição:
100 exemplares.

Revisão:
Celso Sant'Anna e Renato de Mattos Motta

Projeto gráfico e diagramação:
Renato de Mattos Motta

Redação:
Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Diego Petrarca, Erivoneide Barros e Michelle Buss

Conselheira Especial para Língua Espanhola:
Lota Moncada

Porto Alegre, março de 2016.

Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com